

Cuidado voluntário na prevenção de suicídio: a experiência de homens e mulheres dentro do Centro da Valorização da Vida em Curitiba

Henrique da Costa Valério Quagliato¹
Marlene Tamanini²

Resumo

O presente trabalho é parte do processo de dissertação em desenvolvimento que tem por objetivo entender como se dá a experiência de homens e mulheres que prestam cuidado voluntário na prevenção de suicídio através do Centro de Valorização da Vida (CVV), em Curitiba. O estudo se propõe a ampliar nas discussões sobre gênero e cuidado, e, pretende compreender de que maneira os significados produzidos pelos sujeitos dentro da prática do cuidado voluntário na prevenção de suicídio no CVV influenciam em suas próprias experiências gendrificadas. O intento da pesquisa é considerar a conexão entre biografias e discursos que envolvem as vivências do cuidado em um determinado espaço social. Para isso utilizamos como base as teorias do cuidado, juntamente com as metodologias de entrevista narrativa e análise de discurso. Este texto procura apresentar e discutir a) a produção acadêmica que envolve o tema; b) as questões teóricas relevantes; e c) os desafios empíricos e metodológicos que envolvem o esforço de colocar o cuidado em evidência enquanto componente político das vidas individuais.

Palavras Chave: cuidado; gênero; voluntariado; Centro de Valorização da Vida

Introdução – Do objetivo de pesquisa à subjetividade da autoria

Este texto advém de uma dissertação ainda em andamento, que tem por objetivo compreender a experiência de homens e mulheres que prestam cuidado voluntário a pessoas com ideação suicida através do Centro de Valorização da Vida (CVV) em Curitiba. As categorias empregadas na pesquisa têm o intuito de entender como essa maneira de cuidar produz significados próprios e como esses significados, por sua vez, compõem as vidas dos sujeitos que formam o CVV. Assim, essa investigação se volta para as narrativas dos agentes através de metodologias de ordem qualitativa. Acredito que o esforço de conhecer o lugar subjetivo das biografias individuais e das vivências inevitavelmente gendrificadas,

1Aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia na UFPR, graduado em Ciências Sociais. E-mail: henriquequagliato95@gmail.com

2 Professora do Departamento de Sociologia do Curso de Ciências Sociais e do Departamento de Pós-graduação em Sociologia na UFPR, Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: tamaniniufpr@gmail.com

entendendo-as como um conjunto de artesanias discursivas, representa a possibilidade de considerar as consequências políticas de uma atividade tão comumente relegada ao campo supostamente intocável do pessoal.

Sendo assim, esse artigo se propõe a discutir de maneira crítica um apanhado de publicações sobre as teorias do cuidado, os estudos do voluntariado e as produções do Centro de Valorização da Vida e sobre ele mesmo, tendo em vista a importância da consideração dessas temáticas dentro dos estudos de gênero. Ao mesmo tempo, pretendo expor uma estrutura metodológica ainda em construção – refletindo sobre a necessidade de desnaturalização do cuidado e consideração de outras técnicas de pesquisa.

Contudo, antes se faz necessário refletir sobre a apreensão subjetiva das categorias e conceitos utilizados aqui. A adoção de uma perspectiva epistêmica que reconheça a crítica feminista da localização e da situacionalidade dos modos de conhecimento requer uma reflexão sobre a utilização e percepção das ferramentas de pesquisa e da delimitação do objeto. Tento evitar a formulação clássica do conhecimento objetivo que parte da autoevidência das categorias como forma primeira de delimitação de uma fronteira mais ou menos hermética entre o sujeito do conhecer e o objeto do conhecimento. Para isso, pretendo apresentar o objeto e o *locus* que escolhi para minha pesquisa enunciando a minha própria posição subjetiva enquanto autor e indicando como compreendo algumas das categorias utilizadas nessa investigação.

Em primeiro lugar, minha situação como pesquisador. Considero importante enunciar alguns traços de minha subjetividade para que esteja claro o caminho pelo qual encontro meu tema de pesquisa. Falar sobre minha posição enquanto pessoa branca, heterossexual, pertencente ao que se chama de classe média e advindo de uma tradicional socialização católica é importante para que a análise leve em conta percepções anteriores a respeito de temas como o cuidado, o voluntariado e o gênero em minha própria experiência. Ao mesmo tempo, deve-se notar que o meu interesse pelo cuidado de pessoas com ideação suicida e meu encontro com a temática advém de reflexões ainda correntes sobre infelizes episódios em minha vida pessoal.

A composição de minha experiência enquanto pesquisador indica a maneira como compreendo a noção de experiência como categoria de acesso a meu objeto de pesquisa.

Entendendo as narrativas trazidas pelas mulheres e homens a respeito de como e por que cuidam através do Centro de Valorização da Vida como meu objeto, palavra experiência assume um papel importante para o processo de construção da pesquisa. Concebida aqui como lugar construído e não como evidência dada, a noção de experiência deve levar em conta não só a fluidez do deslocamento entre círculos e papéis sociais mas a própria posição dos indivíduos em relação aos discursos e práticas de seu tempo.

Trata-se, dessa maneira, de uma noção de experiência calcada na diferença e na multiplicidade. A atenção ao empírico em suas contrariedades e complexas variedades significa que a utilização de categorias unitárias como “a mulher” ou “o homem” ou mesmo “o cuidado” seriam prejudiciais ao objetivo da pesquisa. Assim, embora pareça ser impossível agir como se essas palavras fossem novas ou desconhecidas para mim, quando as encontro em campo ou mesmo na revisão bibliográfica tento manter presente o pressuposto de que, mesmo nos inevitáveis momentos de abstração e generalização, a incompletude do genérico frente ao concreto é um imperativo da forma crítica de conhecer.

O Centro de Valorização da Vida, suas histórias sobre si e as pesquisas sobre a entidade.

Quando decidi que o CVV seria o *locus* de minha investigação, fui atrás de todos os livros que pude encontrar sobre o grupo. Tive acesso a alguns volumes, que em sua maioria se tratavam de memórias escritas em comemorações de aniversário da entidade e suas filiais. Através deles, tive meu primeiro contato as narrativas de pessoas que escolheram contar algumas histórias sobre os Centros de Valorização da Vida.

Em primeiro lugar, essas publicações, encontradas muito mais facilmente em sebos do que em livrarias, contém memórias (individuais e coletivas) refletidas. Algumas reencenam a disposição das preocupações, ações e pessoas que fundam os Centros da Valorização da Vida, outras escolhem explicitar o lugar do CVV na construção coletiva que chamamos hoje de A História do século XX. Ali estão olhares que, na artesanaria de suas próprias lembranças, enunciam os motivos, inspirações e pilares da maneira como o Centro de Valorização da Vida se vê no mundo. Lê-se uma declaração formatada do caminho comum de voluntárias e voluntários que oferecem o que eles chamam de calor humano e escuta a pessoas com ideação suicida. De maneira mais simples, acredito que lá esteja escrito – e não nos esqueçamos de

todos os processos que existem entre a palavra pensada e a palavra escrita – o que esses sujeitos têm interesse (e provavelmente orgulho) de lembrar. Olhando para trás, essas narrativas constroem o esforço de “ligar os pontos” na construção de uma figura maior. Do presente para o passado, elege-se o que se considera contínuo e relevante na experiência de cuidar através do CVV.

Cito os principais nódulos discursivos comuns às narrativas as quais tive acesso até o momento. Primeiramente, os voluntários e voluntárias consideram que o CVV existe em relação a uma apreensão do estado das coisas. Em uma perspectiva retrospectiva, esses livros constroem a imagem de uma sociedade que justifica a necessidade da existência do Centro de Valorização da Vida. Nesse discurso, a entidade representa a resposta para uma carência, o preenchimento de um espaço vazio. A oferta de calor humano, escuta, compreensão e amizade – pilares na atitude voluntária como vista pelo CVV – só tem sentido frente a um diagnóstico que constrói um quadro onde a falta desses elementos representa um problema.

A enunciação da filosofia e missão do Centro de Valorização da Vida exprimem, de maneira mais ou menos homogeneizada desde a sua criação na década de 1960, uma certa apreensão do mundo – que, aliás, não é exceção a seu tempo. Solidão, superficialidade e rigidez nas relações humanas são percepções negativas bem comuns frente as memórias imediatas da Segunda Guerra Mundial e a vivência em meio à Guerra Fria que marcavam a época. Não à toa, a maneira pela qual o CVV tem pretendido atuar na prevenção de suicídio no Brasil é profundamente informada pela psicologia de Carl Rogers (PRUDENTE, 2005). Seu método de terapia centrada no paciente partia de um entendimento semelhante do mundo e oferecia o que chamo de um discurso da produção científica de liberdade em condições de consultório (seu substituto possível para as condições laboratoriais). O protocolo rogeriano – adaptado de maneira integral pelo CVV – de autenticidade de si, compreensão empática e busca da “pessoa” por trás da máscara – representa a possibilidade de ajudar o mundo. Para Rogers e para o Centro de Valorização da Vida, as características desse tipo de “relação de ajuda” – talvez possamos chamá-la “relação de *cuidado*” agora – representam um modelo de conduta ética para a cura da sociedade a partir das relações interpessoais.

Se a relação de cuidado contém no mínimo duas partes, acredito que seja válido entender de que maneira os livros que contém os relatos de voluntários e voluntárias sobre o Centro de Valorização da Vida reconhecem a figura da pessoa que necessita de cuidado. Ainda

que seja uma organização voluntária, o CVV difere da maioria delas por não estar interessado na promoção de direitos. Sua causa principal não se vê no mundo das leis, desigualdades sociais ou da justiça. Nesse sentido, coloca-se na contramão do discurso sobre o voluntariado, solidarismo e cidadania que surge no Brasil dos anos 1990³, como retrata Araujo (2008). Não se trata do cidadão, mas da pessoa.

O modelo de relacionamento adotado pela entidade – segunda enunciação discursiva que nomeio aqui – se baseia numa espécie de diálogo intersubjetivo que pressupõe a manutenção contínua das subjetividades individuais. Nessa enunciação, o discurso aloca o sujeito “fora” (ou “para além”) das estatísticas socioeconômicas ou dos tradicionais perfis demográficos. Acredito que, na lógica interna desse discurso, ocupações profissionais, condições de cidadania, status econômico, de gênero ou classe são vistos como barreiras até a pessoa. A condição para cuidar é despirmos os indivíduos – tanto aquele oferece, como aquele que recebe ajuda – dessas facetas que impediriam a “emergência da pessoa” (SANTOS, 2012; FOCÁSSIO, COCHON e LORENZETTI, 1989).

Essa elaboração do humano carrega consigo a possibilidade e a necessidade de espelhamento nessa relação de cuidado/ajuda. Há uma reciprocidade necessária no processo. Dentro das narrativas que representam a construção da filosofia interna do Centro de Valorização da Vida promover o crescimento, amadurecimento e autoconhecimento do outro requer que o mesmo se faça para si. Partindo de pontos diferentes, cuidador e receptor do cuidado crescem juntos. O enriquecimento fruto do que Rogers chama de “compreensão empática” (compreender *com* o outro) é um caminho conjunto e comunicativo em direção à “vida plena”. Acredito que esse seja o argumento para a aplicação universal da diagnose e cura do mundo dentro do conjunto discursivo construído pelos sujeitos que narraram essa história do Centro de Valorização da Vida: nesse contexto, cuidar do outro é cuidar de si.

Há ainda uma questão importante que notei lendo as memórias publicadas por voluntários e voluntárias sobre suas experiências dentro do Centro de Valorização da Vida: a ambígua presença da religião. O início do CVV é sempre reencenado dessa maneira: alguns

3 É importante lembrar que o envolvimento voluntário com as causas filantrópicas no Brasil existe desde o século XIX (quando era organizado principalmente em torno da Igreja Católica). Da década de 1940 até 1990 o Estado brasileiro incentivou a causa do voluntariado institucionalizando a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Como mostra Barbosa (2017), tratava-se de uma atividade marcada fortemente pelo envolvimento feminino, colocando figuras como primeiras-damas da Nação, estados e municípios como figuras de frente da associação.

jovens frequentadores da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), preocupados com o estado das coisas em seu tempo, se inspiram no trabalho de um reverendo da Igreja Anglicana do Reino Unido e fundam um serviço de atendimento telefônico de pessoas com ideação suicida que se chamaria *CVV – Samaritanos* em sua primeira forma. Contudo, na arteficialidade dessas narrativas escritas, conforme se caminha pela segunda metade do século XX, a religiosidade vai deixando de ser mencionada – sem, contudo, deixar de estar presente. Em algum momento não muito bem delimitado entre os anos 1970 e 1980, o personagem “Centro de Valorização da Vida” passa por uma mudança: torna-se uma associação a-religiosa e abandona o que é descrito como salvacionismo. Na lógica interna desse discurso, trata-se de uma mudança tolerante em busca da pessoa – que poderia estar também escondida atrás da religião.

Constrói-se assim um discurso laico operado por religiosos. Mesmo as narrativas mais recentes sobre a trajetória do CVV citam orações que marcam o início dos plantões de atendimento ou aparições de espíritos durante as madrugadas, ainda que afirmando para si uma posição de separação frente a religião. A própria figura do bom samaritano, ferramenta cristã que serve a função de direcionamento moral, persiste até hoje como guia para as ações dos voluntários e voluntárias. O samaritanismo aqui evidencia não só a orientação religiosa em vestes laicizadas, mas um tipo específico de disposição espiritual: o norteamento espírita para a caridade para o altruísmo. A caridade é a condição fundamental para a salvação na doutrina presente no Livro dos Espíritos e no Evangelho Segundo o Espiritismo. Acredito, com isso, que não seria absurdo assumir que a orientação veladamente religiosa do Centro de Valorização da Vida tem um papel importante no recrutamento de seus contribuidores ou mesmo na construção coletiva dos conceitos de sua missão e de sua história.

Pesquisas sobre o Centro de Valorização da Vida também foram feitas, principalmente no sul e sudeste do Brasil. Entre as que mais interagem com a temática deste trabalho estão investigações como as de Dockhorn (2007), analisou o perfil sociodemográfico dos CVVs de Porto Alegre, Florianópolis, Blumenau e Novo Hamburgo, encontrando uma maioria de mulheres (68%), pessoas com ensino superior completo (61%), com renda própria (81%) e majoritariamente religiosas (90%). O estudo constatou também que quase metade (48%) dos entrevistados e das entrevistadas já realizaram outras atividades voluntárias. Prudente (2005) estuda a conexão entre a psicologia de Carl Rogers e o desenvolvimento das atividades do Centro de Valorização da Vida desde a década de 1960 até os anos 2000 através da análise de

boletins internos da entidade. Por fim, deve-se mencionar o trabalho etnográfico de Martins (2015) que compara o Centro de Valorização da Vida ao programa SOS Voz Amiga em Portugal, entendendo como a laicização das ferramentas de confissão e testemunho contribui para a construção da validação e gestão do sofrimento, mas também dignificação e cultivo de si através das modalidades de fala e escuta.

Voluntariado – motivações, estruturas e agências

Não há novidade em afirmar que o trabalho voluntário é marcado pelo cultivo de valores como o altruísmo e a abnegação de si. É comum que se discuta quais são as “recompensas” – mesmo que veladas – de esforços no engajamento em torno do voluntariado – provavelmente é por isso que muitos dos estudos sociológicos sobre o fenômeno o expliquem a partir da teoria da dádiva maussiana. Além dos valores já citados, o desenvolvimento pessoal, amadurecimento, formação e autoconhecimento são alguns dos elementos que tornam, para Meister (2003) e para Cavalcanti (2002), o engajamento da área uma ação dotada de sentido e de intenção reformadora.

A perspectiva de gênero aplicada às motivações do trabalho voluntário apresenta um complexo quadro de entendimento do lugar das experiências femininas no terceiro setor. Albert e Velázquez (1999), por exemplo, afirmam que o grande número de mulheres envolvidas no voluntário reflete uma reprodução estrutural do lugar feminino no âmbito doméstico. Para as autoras, a presença da mulher nas atividades voluntárias evidencia uma soma de dois grandes fatores: a dificuldade da entrada no mercado de trabalho e a naturalização das responsabilidades do cuidado. Assim, enfrentando dificuldades do desemprego, as mulheres se voltam para ONGs e associações filantrópicas ou de caridade num processo de continuação da prática do cuidar atrelada ideologicamente ao feminino. O cuidado das crianças, idosos, doentes ou desabilitados no ambiente doméstico se expande para o trabalho humanitário, reforçando o papel social da mulher como cuidadora.

Contudo, se Albert e Velázquez trabalham com um quadro de reprodução estrutural do lugar da mulher, Martins (2013; 2015) apresenta a possibilidade de uma outra leitura para a inserção da mulher na filantropia. Tendo em vista as construções discursivas do século XIX que vinculavam a bondade e a caridade à maternidade e, portanto, à feminilidade, a autora enxerga no chamado das instituições religiosas e médicas para as mulheres das classes médias

ocuparem-se de atividades benemerentes uma saída discursiva aproveitada por essas figuras para se inserirem de maneira moralmente válida no âmbito do público – até então negado discursivamente à mulher. Num sentido contrário da análise através da noção de reprodução, aqui a agência feminina está em foco. A feminilidade torna-se uma ferramenta estratégica na ocupação real de um espaço social localizado apenas na província do masculino.

Como aparece o tema cuidado

Ainda que o termo não apareça com frequência nas publicações ou propagandas do Centro da Valorização da Vida, haverá problema em delimitarmos as relações de ajuda oferecidas pelos voluntários e voluntárias que compõem a entidade como formas de cuidar? Tendo em vista as especificidades das práticas próprias do CVV no atendimento de pessoas com ideação suicida apresentadas anteriormente, não será difícil pensar o cuidado analisando as atividades do grupo através da definição conceitual oferecida por Joan Tronto: o cuidado é um tipo de atividade que tem por objetivo manter, dar continuidade ou reparar o mundo em que vivemos para que vivamos da melhor forma (TRONTO, 2013). Contudo, é necessário entender como o conceito e as discussões em torno dele se formaram.

É possível datar relevantes menções às práticas do cuidado nos estudos feministas dos anos 1970 e 1980. Ali, autoras como Kergoat, Chodorow e Nicholson começavam a incluir esse conjunto amplo de atividades nas discussões sobre o lugar da mulher nos espaços da sociedade – fosse na dicotomia das esferas do público e doméstico, ou no ramo da divisão sexual do trabalho dentro dos âmbitos da produção e reprodução. Nesse contexto, começava a se formar uma crítica ao marxismo e ao estruturalismo que levava em conta um conjunto de atividades problematicamente naturalizadas no papel social e biológico da mulher. A vinculação discursiva do corpo feminino à maternidade lhe garantia (ou condenava) um lugar moral e sócio-econômico de atenção ao outro, abnegação e carinho essencializados. Assim, a atenção ao tema do cuidado se inicia como forma de pensar a emancipação feminina.

Contudo, o cuidado ganha pela primeira vez uma robustez conceitual com a análise de Carol Giligan em *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development* (publicado originalmente em 1982). O trabalho da área de psicologia do desenvolvimento moral constrói, com objetivo de alargamento da epistemologia sobre o comportamento humano, um modelo binário que propõe padrões de conduta para as socializações masculina e

feminina. A primeira delas seria o que a autora chamou de *ética da justiça* – baseada em uma sociabilidade marcada pela autonomia baseada na individualização, impessoalidade de princípios hierárquicos como forma de resolução de conflitos e dinâmica social que tem o outro como figura imaginada ou genérica. Por outro lado, a socialização feminina, seria marcada pelo que a autora chamou de *ética do cuidado* – conduta baseada principalmente numa lógica da interconexão e interdependência, na sociabilidade que visa o outro como entidade concreta e portadora de necessidades específicas que afetam toda a configuração da rede de inter-relações. Trata-se de uma pesquisa que, numa crítica ao modelo tradicional de desenvolvimento humano (Freud e Kohlberg, principalmente), garante ao cuidado uma grande importância para o entendimento das relações humanas tentando compreender o lugar das mulheres como mais do que a exceção de um conjunto de regras estabelecidas por padrões masculinos.

Esse mapeamento é então aproveitado por Nel Noddings (1986) em sua investigação filosófica sobre os arquétipos do cuidado em termos de relações interpessoais – principalmente interações face-a-face. Partindo da figura feminina que cuida e da figura masculina que recebe cuidado⁴, a autora tentou entender como a reciprocidade e o envolvimento mútuo são necessários para o estabelecimento de uma relação de cuidado. A consideração de questões como o reconhecimento, a disposição e a aceitação das duas partes constituintes se torna uma questão importante para pensar uma relação como essa. Assim, a apreensão da realidade do outro como possibilidade para si, o partilhamento e a imersão – difícil tradução do termo original *engrossment* – se tornam fundamentais para uma filosofia ética que tenha o cuidado como mote de cada relação interpessoal.

A partir das contribuições de Joan Tronto para o debate, sob uma perspectiva da ciência política, uma nova questão entra em cena. A construção de seu projeto teórico se dá em resposta direta às reflexões e pressupostos de Noddings para o debate sobre o cuidado como forma ética de pensar o social e o político. Advogando por cuidado feminista para além do feminino e aplicando o conceito a uma realidade mais ampla, Tronto propõe visão democrática do cuidado (1997; 2013). Dessa forma, é possível adereçar as assimetrias sócio-econômicas e gendrificadas nos discursos sobre o cuidado.

4 É necessário lembrar que, segundo Noddings, os arquétipos masculinos e femininos não são imediatamente identificados a homens ou mulheres. Trata-se de uma distinção utilizada como ferramenta de análise.

Uma definição mais ampla como a que foi apresentada no começo desta sessão parte da ideia de que a vulnerabilidade que leva todos nós a necessitarmos de cuidado em algum momento de nossas vidas deveria ser um princípio fundamental pelo qual pensamos a igualdade em nossas sociedades. Uma das constatações principais da análise de Tronto (2013) é representada dessa forma: a prosperidade sócio-econômica de determinados indivíduos que reforça um discurso da autonomia e responsabilidade individual pela prosperidade em um regime neoliberal só é possível pela invisibilidade e rebaixamento dos serviços de cuidado que possibilitam a vida e os privilégios dessas pessoas (TRONTO, 2013). Assim homens brancos e pessoas de classes mais abastadas em geral recebem um “passê livre” da necessidade de cuidar enquanto grupos majoritariamente vulneráveis (mulheres, indivíduos não-brancos e imigrantes, por exemplo) exercem o cuidado desvalorizado que possibilita o sucesso do sujeito neoliberal ideologicamente independente. Ao mesmo tempo, uma visão feminista da prática do cuidar desnaturaliza o binário mulher (cuidadora)/ homem (receptor do cuidado) e questiona a oposição diametral entre masculinidade e cuidado em nossa sociedade.

Nesse sentido, Tove Petersen (2012) produz uma crítica muito semelhante a proposta de Tronto a respeito da politização do cuidado frente a noção de altruísmo envolvida em algumas de suas práticas. Para as duas autoras, a abnegação – Tronto (2013) utiliza o termo *samaritanismo* que, devemos lembrar, é o mote do CVV – torna-se um problema na discussão politizada e feminista do cuidado, dados os movimentos históricos de essencialização e construção discursiva do sujeito feminino em torno desse ideal caridoso tão profundamente ligado à maternidade que naturaliza o local do feminino. Ao mesmo tempo, a ideia da renúncia representa uma dificuldade para pensar a interação sujeitos políticos com interesses próprios. Tão importante quanto pensar na possibilidade da ação desinteressada é nos questionarmos se há espaço validado no discurso comum para o interesse de pessoas comumente silenciadas.

Se a conexão entre masculinidade e cuidado tem sido, mesmo sob pontos de vista não-binários, uma questão importante na formulação dos estudos do cuidado, existe ainda um último autor ao qual farei referência nesta sessão. Niall Hanlon produziu em 2012 um estudo investigando a relação entre homens, masculinidades e cuidado. Fazendo uso das noções de masculinidade hegemônica de Connell e da teoria dos campos de Bourdieu, o autor promove uma explicação sobre como a conexão com o cuidado representa uma queda na posição

hierárquica entre os modos de ser masculino. Não cabendo na estruturação da masculinidade hegemônica, o contato com a prática do cuidar, não tem sentido para muitos dos homens sobre os quais o estudo fala (HANLON, 2012, p. 78). A oposição simbólica entre masculinidade e trabalho emocional também torna a posição do homem que cuida uma configuração sem lugar próprio nas províncias binárias socialmente estabelecidas entre o masculino e o feminino. Esse limite dual é criticado pelo autor por sua simplicidade na concepção de masculinidade e por reafirmar assimetrias gendrificadas. Em conclusão, afirma que o envolvimento de homens nas práticas do cuidado é a principal forma de promover uma desconstrução dessa separação simbólica.

Em minha análise, as teorizações de Hanlon e Tronto oferecem perspectivas contrárias sobre as definições de cuidado. Se a segunda autora vê problemas em identificar práticas discursivamente masculinas de proteção e provisão como formas de cuidar – por conta do exercício de controle do outro historicamente embutido nelas – o primeiro adota uma definição mais complacente. Hanlon (2012) escolhe levar mais em conta as definições de cuidado apresentadas por seus entrevistados, evitando problematizá-las como fez Tronto (2013). Dessa maneira, o lugar teórico do qual Tronto parte – mais amplo e direcionado a pensar o cuidado para além do feminino e do masculino – representa um propósito diferente de Hanlon – que escolhe partir de seus entrevistados para se aprofundar nos significados do cuidado como vistos por aqueles envolvidos no sistema de masculinidade hegemônica.

A maneira como apreendo as teorizações desses autores em um diálogo crítico serve aos propósitos de minha pesquisa. A descrição dos conceitos apresentados envolve não só modelos aos quais poderemos comparar as dinâmicas do cuidado dentro do Centro de Valorização da Vida, mas, principalmente, nos propicia entender de que maneira a politização do cuidado é possível. Nas relações de pequena ou grande escala, assimetrias e dinâmicas de atração e repelência em relação ao cuidado influem nas experiências individuais, constituem subjetividades e marcam, muitas vezes de maneira pouco notada, a formação das subjetividades dos indivíduos. Nesse sentido, são conceitos que propiciam uma visão do íntimo que não pode se separar do social, pois não se constrói sem ele. O cuidado é uma forma de entender a relação entre vidas e significados, estejamos falando da atenção e carinho aos familiares, das discussões parlamentares ou da prevenção de suicídio.

Considerações finais sobre uma metodologia inconcluída

Por fim, é necessário que dediquemos uma sessão à consideração do lugar da metodologia na construção dessa investigação. É importante lembrar que o estabelecimento de uma metodologia não pode ser insensível às impressões do contato empírico e deve ser mais do que a soma irrefletida de técnicas de análise e coleta de informações. Trata-se de um movimento crítico de entendimento e utilização contextualizada de formas de conhecer o social.

Nesse sentido, afirmo, de maneira breve por conta do espaço reduzido, que minha pesquisa faz uso de um conjunto de técnicas estabelecidas no âmbito qualitativo da pesquisa social. Para além, considero-a qualitativa não por se basear em uma maneira interpretativa e subjetiva de conhecer – isso seria reforçar a descorporificação do sujeito do conhecimento quantitativo “duro” – mas por escolher enunciar e tomar proveito desses fatores como fonte válida de entendimento de meu objeto e *locus* de pesquisa. Evitando a armadilha da ciência clássica apontada por Harding (1993) em tentar produzir um único modelo coerente e generalizável para dar conta de realidades instáveis ou se basear em formas como as das ciências físicas e biológicas que pretendem um problemático modo de conhecer falsamente separado dos valores políticos (Idem, 1996), reconheço a importância de enunciar a forma de apreensão das noções utilizadas de uma maneira humana – transpassada por posicionamentos políticos, sentimentos e emoções – com o intuito de construir um conhecimento que não imponha um sistema teórico abstrato a uma realidade complexa.

O percurso pelo qual buscamos conhecer nosso objeto – definição literal da etimologia da palavra *méthodos* – é profundamente informado pela noção de discurso como desenvolvida por Michel Foucault. Sendo mais do que apenas um conjunto de estruturas verbais ou temas textuais, a noção de discurso representa o conjunto de enunciados de verdade que informam as práticas da vida, definindo sujeitos e modos moralmente válidos de ser e ver o mundo. Embora o discurso defina, conecte a palavra à coisa no mundo, seria um equívoco garantir-lhe a qualidade de falsa consciência enquanto invenção para o beneficiamento imediato de um determinado grupo ou camada social específica. Trata-se de um princípio constitutivo das relações e subjetividades, não de uma ferramenta repressiva. Nas práticas, os discursos se proliferam indefinidamente (FOUCAULT, 1999, p. 8). Empréstam realidade ao que se conhece e, por conseguinte, estão ligados à ação cotidiana. Dentro dele as práticas têm significado e em sua repetição elas o realizam e o transformam. O que é construído no

conjunto de narrativas de mulheres e homens sobre sua experiência dentro do Centro de Valorização da Vida é, em uma perspectiva delimitada, um conjunto de discursos sobre uma forma moralmente válida de cuidar. Especificamente, uma forma verdadeira – portanto, construída – de cuidar de pessoas com ideação suicida.

Sendo as narrativas dos sujeitos que cuidam voluntariamente através do CVV meu objeto de pesquisa, neste momento a entrevista narrativa está estabelecida como principal técnica de acesso a essas pessoas. Muito além do fato de que a metodologia e meu objeto partilham um termo específico em sua descrição imediata, a escolha dessa forma de captar informações tem razões mais profundas. Sua principal característica é a não estruturação do andamento da entrevista a fim de evitar impor direcionamentos à fala dos entrevistados e entrevistadas – aqui estão incluídos componentes como uso de linguagem específica, ordenação dos fatos ou mesmo pré-seleção dos tópicos e eventos interessantes. Como afirmam Bauer e Jovchelovitch (2010), esta é uma técnica indicada para apreender narrativas – histórias contadas pelas pessoas – que, em retrospectiva, dão sentido ao determinado conjunto de acontecimentos e sentimentos em cruzamento com contextos sócio-históricos.

A análise de discurso – que vem sendo aplicada aos livros que contém as narrativas de voluntários e voluntárias citados anteriormente e será também aplicada às transcrições das entrevistas – representa aqui uma relação com o dado de pesquisa. Meu interesse principal não será verificar a veracidade dos fatos com quais irei me deparar, mas entender *como* esses acontecimentos são retratados. Gil (2010) parte do discurso como prática social, como estrutura linguística construída pelas relações intersubjetivas das quais emana e que, por estar inserida nesse conjunto de ações, é sempre retórico – se justifica na sua forma de constituir os fatos. Num mesmo sentido, Orlandi (2009) oferece uma máxima fundamental para nossa análise: a de o discurso deve operar entre o dito e o dizível (ORLANDI, 2009, p.32). Assim, mais importante do que o que é dito, é a maneira como se diz. É nesse exercício coletivo e subjetivo de “ligar os pontos” na construção de experiências vividas que acredito ser possível entender a experiência das pessoas que cuidam através do Centro Valorização da Vida.

Por fim, partindo da provisoriidade das formas escolhidas para compreender o fenômeno estudado, indicamos que ainda estão sendo considerados a soma ou substituição de metodologias no decorrer da pesquisa. A observação participante, por exemplo, tem se mostrado uma possibilidade cada vez interessante para o acesso das dinâmicas próprias à

prática do cuidado e possibilidade de enunciação das relações – intelectual e afetiva – entre observador e observado. A constatação mais importante na consideração do processo de pesquisa é a de que a descoberta interminável de sutilezas e complexidades na relação com o objeto de pesquisa leva a um processo constante de reconsideração das formas válidas e necessárias de entender de maneira honesta e justa os significados de um determinado grupo social

Referências

ARAÚJO, Jairo M. *Voluntariado. Na Contramão dos Direitos Sociais*. São Paulo, Editora Cortez, 2008

BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; Gaskell, G (org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Editora Vozes. 2010, p. 90-114

CAVALCANTI, M. A Busca de um propósito e de um sentido de vida: o voluntariado e o diagnóstico emancipador. In: PEREZ, C.; JUNQUEIRA, L. P. (org.) *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. São Paulo, Editora Futura, 2002, p.102-251

DOCKHORN, C. N. B. F. *Perfil Sociodemográfico dos voluntários dos postos CVV*. 2007, Dissertação (mestrado em Psicologia clínica) - Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande Sul, Porto Alegre.

FOCÁSSIO, F.; COCHON, J. A.; LORENZETTI, V. *CVV- Uma Proposta de Vida*. São Paulo, Editora Aliança, 1989.

FOUCAULT, M, *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 23.ed. São Paulo: Loyola, 2013.

Gill, R. Análise de discurso In: BAUER, M.; Gaskell, G (org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Editora Vozes. 2010, p. 244-271

GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*. Massachusetts, Harvard University Press, 2003.

HANLON, Niall. *Masculinities, Care and Equality. Identity and Nurture in Men's Lives*. London, Palgrave Macmillan, 2012

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista de Estudos Feministas*, n.1/93, p. 7-31, 1993.

_____. El androcentrismo em biología y en las ciencias sociales In: *Ciencia y feminismo*, Madrid, Ediciones Morata, 1996, p. 73-97

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

MARTINS, Ana Paula V. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história de benevolência e da feminilização da bondade. *Revista História: Questões & Debates*, n. 59, jul/dez, p. 143-170. Curitiba, Editora UFPR, 2013

_____. A feminilização da filantropia. *Revista Gênero*, v. 15, n. 2, p. 13-28, Niterói, 2015.

MARTINS, I. R. Modalidades e atos de fala em serviços de apoio emocional: modalidades laicas da confissão e do testemunho?. *Revista Religião e Sociedade*, v. 36, n. 2, Rio de Janeiro, 2016

MEISTER, J. A. F. *Voluntariado; uma ação com sentido*. Porto Alegre. Editoria EDIPUCRS, 2003.

NODDINGS, N. *Caring. A Raltional Approach to Ethics & Moral Education*. California, Univesity of Berkeley Press, 1986.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP. Editora Pontes, 2009

PRUDENTE, A. B. *A construção histórica do modelo de relação de ajuda do Centro de Valorização da Vida na segunda metade do século XX: influências dos modelos de relação de ajuda da psicologia*. 2005. Tese (doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

SANTOS D. D. *CVV: Como vai você?: CVV, 50 anos ouvindo pessoas*. [S.l.]: CVV. 2012.

TRONTO, J. C. *Caring Democracy. Market, Equality and Justice*. New York, New York University Press, 2013

_____. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGAR, A. M.; BORDO, S. R. (org.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Editora Rosa dos Tempos. 1997, p. 186-204

VELÁZQUEZ N. T; ALBERT, G. A. Género y voluntariado. *Revista Estudios de Juventud*, n. 45, p.143-150, La Rioja, Editora Injuve, 1999.

PETTERSEN, T. Conceptions of care: Altruism Feminism and Mature Care. *Revista Hypatia* vol. 27 n. 2, p.366-389, Hypathia Inc. 2012